

de Deus. Profundamente religioso, aceitava a religião em que fora criado, mas, assim como Swedenborg, interpretava Jesus Cristo e a Virgem à sua maneira. Seu misticismo era profundamente influenciado por Jacob Boehme, por quem nutria tão enorme respeito que o colocava ao lado do próprio Jesus.

Mas o cerne de sua filosofia é a crença na importância do homem. Ele se aproxima bastante do pensamento de Julian Huxley, para quem o ser humano é hoje o diretor geral da evolução no universo, ao afirmar: "A função do homem difere da de outros seres por ser ele o reparador das desordens do universo." A noção de "reparação" é de capital importância em sua filosofia, e explica o relevante papel que ele atribuía a Jesus como o reparador arquetipo. O que fascina Saint-Martin é o fato de o homem sempre ter lampejos resplandecentes de *faculdades divinas*. É como se algum poder adormecido despertasse às vezes dentro dele. "O homem possui inúmeros vestígios das faculdades próprias do Agente que o produziu (. . .)" E estas palavras não devem ser entendidas como mais uma afirmação de que o Reino de Deus habita em nós. É bem mais interessante do que isso. Se você achasse que o motor do carro estava completamente enguiçado, por causa de um defeito grave, e por acaso desse no botão de partida, sem esperança alguma, e o motor funcionasse por um segundo e depois parasse novamente, você ficaria entusiasmado por ver que, *afinal, nada está errado no fundamental*. Sem que o perceba, o homem possui poderes imensos. Ele é "gerado em fonte prodigiosa, na fonte do desejo e da inteligência". E sua mais vital faculdade é a imaginação — no sentido que Paracelso atribuía à palavra imaginação, a faculdade de estender-se além dos limites de si mesmo e do cotidiano. O homem é dotado de antolhos, e a imaginação representa o poder de enxergar apesar deles. A maioria das pessoas permanece apática, como ovelhas a pastar, imaginando que "não há nada a fazer", que a realidade do cotidiano é uma espécie de prisão que não permite fuga, exceto através de drogas, bebidas ou suicídio. Na verdade, as portas estão abertas. O principal problema do homem é essa curiosa passividade, semelhante à hipnose. O começo de sua "salvação" é a série de lampejos de liberdade que advêm em períodos de crise ou em momentos de êxtase repentino. William Blake já havia falado nas "cinco janelas que iluminam o homem metido em cavernas", os cinco sentidos, mas acrescentou que existe uma pela qual "ele pode passar quando quiser". Saint-Martin escreveu: "A alma só deixa o corpo com a morte, mas durante a vida as faculdades podem estender-se além dela, comunicando-se com seus correspondentes do exterior sem abandonar a união com seu centro". A rigor, está falando da Faculdade X. A cada novo momento, o homem é mais livre do que percebe.

Saint-Germain escreveu a maior parte de seus livros usando o pseudônimo de "filósofo desconhecido". Vivendo numa época violenta, de racionalismo agressivo, não pretendia atrair atenção demasiada sobre si mesmo; ademais, convencera-se de que seus escritos só agradariam a um pequeno público. E nisto não tinha razão. Quando morreu, aos 60 anos (nunca teve boa saúde), o Martinismo era um movimento europeu do nível da Maçonaria ou

do movimento inspirado nas idéias de Swedenborg, continuando a exercer influência ponderável mesmo após sua morte. (O maçom que promove a conversão de Pedro, em *Guerra e Paz* — uma pessoa real chamada Bazdév — também era martinista.) É lamentável que tenha sido esquecido em nossos séculos, pois suas idéias são mais relevantes do que nunca.

Ao contrário de Cagliostro, Saint-Martin não exerceu influência política em seu tempo; não há malabarismo mental capaz de ver nele um prenunciador da revolução. Mas representou um fator vital para uma revolução bem mais ampla — o grande movimento denominado Romantismo. O novo espírito criado por Goethe, Schiller, Hoffmann, Wordsworth, Shelley e Berlioz era a expressão artística do misticismo de Claude de Saint-Martin. Por trás de tudo estão aqueles "lampejos", aqueles momentos em que o motor funciona por um instante.

O romantismo fundamenta-se em momentos de êxtase. E o que é o êxtase? Talvez a definição que provoque menos controvérsias seja a seguinte: uma repentina explosão e transbordamento de emoções enclausuradas. E quando o homem vive o êxtase, a mediocridade desaparece; ele é embalado num berço de leite, e a vida se torna quase insuportavelmente doce. É nesses momentos que o ser humano compreende a pobreza de sua consciência cotidiana, magra e definhada.

Os românticos eram movidos pelo espírito da magia, ou seja, pelo espírito evolucionista da raça humana. E foi Johann Gottlieb Fichte quem observou o paradoxo básico do romantismo: "Ser livre nada é; tornar-se livre é paradisíaco" (*Frey seyn ist nichts; frey werden is der Himmel*). Quando já se possui a liberdade, é comum entregar-se à modorra e tê-la como garantida, porque na maior parte do tempo a vontade humana se encontra inativada. Mas quando, de repente, uma pessoa se liberta, após um longo período de servidão e sofrimentos, tudo é gozo e a vida se apresenta infinitamente rica. É o que ocorre quando, de súbito, conseguimos algo que desejamos ardentemente; mesmo o homem mais medíocre vive um lampejo da imensidão da liberdade, quando uma mulher se entrega a ele pela primeira vez. Eis por que Casanova, Frank Harris e o autor de *My Secret Life* passaram a vida em busca de sexo — queriam obter os raios de luz que põem à mostra a liberdade do homem.

O romântico dotado da mais potente obsessão pela magia foi E. T. A. Hoffmann, conhecido da maioria dos leitores modernos pela ópera de Offenbach, *The Tales of Hoffmann*. Nele se vê, a um só tempo, a fraqueza e a força peculiar dos românticos. A principal fraqueza é que não pensavam. Mas a força era uma capacidade de se deixarem levar numa torrente de emoção que os conduzia para longe, em direção à revelação mística. Os românticos empregavam a imaginação para liberar frustrações enclausuradas e para invocar o tipo de mundo em que gostariam de viver. Agrippa, Paracelso e Cagliostro foram